

## **Gramática tradicional: origem, características, problemas**

Durante mais de dois mil anos, os estudos dedicados à linguagem se concentraram na língua literária, nas opções de uso feitas pelos “clássicos da língua”. Essa tradição começou por volta do século III a.C., na cidade de Alexandria, no Egito, na época importante centro de cultura grega. Os estudiosos da literatura clássica da Grécia estavam muito preocupados em preservar na maior “pureza” possível a língua grega, que naquela época já estava muito diferente da língua usada pelos maiores poetas do passado.

Para alcançar seu objetivo, aqueles estudiosos, chamados *filólogos*, resolveram descrever as regras gramaticais empregadas pelos grandes autores clássicos para que elas servissem de modelo para todos os que quisessem escrever obras literárias em grego. Foi assim que nasceu a *gramática*, palavra grega que significa exatamente “a arte de escrever”. Esse campo de estudo, voltado apenas para os usos literários dos grandes autores do passado, recebe hoje o nome de Gramática Tradicional (GT).

Segundo o linguista inglês John Lyons (1968:9), a abordagem dos fenômenos linguísticos proposta pelos gramáticos alexandrinos incorreu no que ele chama de “dois equívocos fatais”: o primeiro, na separação rígida entre a língua escrita e língua falada; o segundo, na forma de encarar a mudança das línguas. Para Lyons, esses dois equívocos se uniram para formar o “erro clássico” no estudo da linguagem, erro que se perpetuou durante dois milênios e somente no século XIX e XX começou a ser criticado e revisto.

Ao se dedicar exclusivamente à língua escrita, a GT deixou de fora toda a língua falada. Em termos de quantidade, as línguas sempre foram mais faladas do que escritas. Só isso basta para mostrar o caráter essencialmente *elitista* da GT, que desprezou todo o uso oral das línguas para se concentrar apenas no uso feito pelas poucas pessoas que sabiam ler e escrever.

Ao longo do tempo foi acontecendo um fenômeno bastante curioso. A gramática, que, por opção consciente de seus fundadores, só cuidava da língua escrita literária, começou a ser usada como um código de leis para todo e qualquer uso *oral* ou *escrito*. Transformada em instrumento de poder e dominação de uma parcela pequena da sociedade sobre todos os demais membros dela, a GT saiu “colonizando” todo o resto, criando um império de ideias, noções e preconceitos sobre o que é ou não é “língua”, que perdura quase inalterado até hoje no senso comum.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial. 2001. p. 15-17.